

Circulação de artigos de Pierre Faure na Revista Servir

Daniele Hungaro da Silva


Doutoranda em História e Historiografia da Educação – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-5767-1847>

E-mail: danihungaro@hotmail.com

Norberto Dallabrida

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 1D

 <https://orcid.org/0000-0002-5100-2028>

E-mail: norbertodallabrida@hotmail.com

Resumo: Pierre Faure, jesuíta francês, elaborou uma proposta inovadora de Educação Nova Católica a partir de diversas matrizes escolanovistas. A sua referência como educador percorreu mundo afora, sendo o Brasil um dos países em que sua proposta foi reconhecida pelos que buscavam tonificar a posição católica no campo escolar brasileiro. Um dos difusores das suas ideias foi o boletim SERVIR, criada pela Associação de Educação Católica (AEC). O objetivo deste artigo é compreender a circulação dos artigos de Pierre Faure na revista SERVIR, entre 1952 e 1963, anos da primeira e última publicação do padre neste boletim. Utiliza-se como referencial teórico o conceito de circulação proposto por Roger Chartier (1992) entendido como uma série de operações de disseminação de textos escritos em revistas especializadas. Até o momento, é possível afirmar que Faure abriu o diálogo para as possibilidades de convergência do trabalho em sala de aula com o catolicismo e escolanovismo.

Palavras-chave: Pierre Faure; Intelectual Católico; Educação Nova Católica; Circulação de Modelos Pedagógicos; Periódico Educacional.

Circulation of Pierre Faure's articles in Servir Magazine

Abstract: Pierre Faure, a French Jesuit, developed an innovative proposal for New Catholic Education based on several school-based matrixes. His reference as an educator traveled around the world, with Brazil being one of the countries in which his proposal was recognized by those who sought to tone the Catholic position in the Brazilian school field. One of the diffusers of his ideas was the SERVIR bulletin, created by the Catholic Education Association (AEC). The purpose of this article is to understand the circulation of Pierre Faure's texts in SERVIR magazine, between 1952 and 1963, years of the priest's first and last publication in this bulletin. The concept of circulation proposed by Roger Chartier (1992) is used as a theoretical reference, understood as a series of operations for the dissemination of texts written in specialized magazines. So far, it is possible to affirm that Faure opened the dialogue to the possibilities of convergence of the work in the classroom with Catholicism and Scholanism.

Keywords: Pierre Faure; Catholic Intellectual; New Catholic Education; Circulation of Pedagogical Models; Educational Periodic.

Texto recebido em: 28/08/2020**Texto aprovado em: 16/11/2020**

Introdução

No Brasil, o movimento dos Pioneiros da Educação Nova - que teve como alguns de seus precursores Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, dentre outros - atingiu repercussão nacional por defender a escola pública, laica, universal e ao mesmo tempo, acessível a todos, homens e mulheres. No entanto, foi somente a partir da década de 1950, com os investimentos do capital estrangeiro no Brasil e a expansão do comércio é que este movimento ganhou notoriedade nas políticas governamentais, mais especificamente no ano de 1952 quando Anísio Teixeira assumiu o cargo de diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Nesse momento, o INEP passou a implementar diversas campanhas que visaram superar a fragilidade do sistema nacional de ensino, à luz de experiências internacionais. (BERETA; DALLABRIDA; CLARINO, 2013). Contornos mais progressistas com a pedagogia nova passaram a ganhar força nos discursos sobre educação e reconhecimento por parte da sociedade brasileira e pelas autoridades governamentais em razão do empenho de Anísio na modernização do aparato técnico das escolas e da administração pública. Entretanto, lado a lado desse momento progressista da educação, uma ala mais conservadora de educadores católicos se alinhava para defender os colégios particulares, buscando legitimar os discursos da Igreja Católica nos embates sobre as novas políticas educacionais.

Nesse momento, a Igreja Católica se via ameaçada, já que a maioria dos colégios católicos perdia sua clientela com a ascensão dos discursos sobre a necessidade da escola pública para todos. Em um momento de disputas e embates sobre a necessidade de reformar a educação, tanto os defensores movimento da Escola Nova, quanto os religiosos disputavam um lugar de hegemonia no campo educacional. Ao tentar explicar as disputas existentes no campo educacional neste período, Saviani (2011, p. 300) declara que:

Se o período situado entre a revolução de 1930 e o final do Estado Novo pode ser considerado como marcado pelo equilíbrio entre as influências das concepções humanista tradicional (representada pelos católicos) e humanista moderna (representada pelos Pioneiros da Educação Nova), no momento seguinte já se delineia como nitidamente predominante a concepção humanista moderna.

Desta maneira, fica subentendido através deste excerto que paulatinamente os católicos, ao invés de se resumirem a um puro e exclusivo confronto com os progressistas começaram a abrir espaço para o diálogo com algumas das ideias defendidas pela ala progressista e escolanovista. As ações do educador católico Everardo Backheuser, por exemplo, desenvolveram uma extensa gama de atividades como a fundação da Associação Brasileira de Educação, Academia Brasileira de Ciências e da Confederação Católica Brasileira de Educação. Entre as publicações deste educador católico, destaca-se o livro “Técnicas da Pedagogia Moderna” que mais tarde, na 3ª edição de 1942, veio chamar-se de “Manual da Pedagogia Moderna”. Concomitante a ele, tendo sido devoto do projeto educacional autoritário de Vargas, Alceu de Amoroso Lima, sob os postulados da Escola Nova, em 1950, foi o expoente máximo de interpretação do Evangelho e dos documentos pontifícios à luz das realidades sociais (CUNHA, 2012). No artigo que redigiu sobre a questão educacional, Lima comenta que o papel do Estado não poderia ser apenas supletivo, mas deveria ter um papel ativo, conforme a realidade social (LIMA, 1959).

Ao reconhecer a validade do postulado da Escola Nova que colocava a criança no centro do processo educativo, reconheceu igualmente que “não existe nada de mais racional” do que o entendimento da atividade, da iniciativa como o “elemento capital da educação”. E do mesmo modo,

Reconheceu o valor dos métodos novos afirmando a conveniência de que os educadores católicos estudem cuidadosamente todos os métodos novos introduzidos pela nova pedagogia, assim como as contribuições da psicologia experimental na perspectiva, é claro daquilo que ele considerava a ‘filosofia verdadeiramente católica da vida’. (SAVIANI, 2011, p. 299).

Assim, gradativamente, na medida em que as ações renovadoras na educação, lideradas por Anísio Teixeira no INEP, ganhavam força, conquistando certa hegemonia, constatava-se também uma tendência de renovação da pedagogia católica. Segundo Avelar (1978), o grupo católico se abriu para algumas características do escolanovismo a partir do entendimento de que precisavam inovar no ensino, tendo como principal influência a concepção humanística moderna de filosofia da educação. Com esta abertura, modelos pedagógicos franceses e norte-americanos foram apropriados não só por escolas públicas, como também por alguns colégios católicos privados no intuito de alcançar os objetivos de renovação do ensino, e atrair cada vez mais a clientela. A partir de 1959, é

possível constatar a difusão no Brasil de modelos pedagógicos franceses que se alimentavam da chamada Escola Nova muito difundida no contexto educacional pós Segunda- Guerra. Nas escolas públicas, particularmente no estado de São Paulo, as classes secundárias experimentais se apoiaram nas *classes nouvelles*, que tinham uma perspectiva republicana e laica (VIEIRA, 2015). Já nos colégios particulares e católicos¹, o que se observou foi a apropriação da Pedagogia Personalizada e Comunitária (PPC) de Pierre Faure para implementação das classes secundárias experimentais. Tal pedagogia aproximava-se do movimento da Educação Nova ao mesmo tempo em que fazia defesa aos preceitos da Igreja Católica.

Nesse sentido, se faz necessário comentar brevemente a respeito da biografia do proponente desta pedagogia. Pierre Faure ingressou na ordem jesuíta na década de 1920, dedicando-se por 60 anos consecutivos à educação nas diversas funções: professor universitário no Líbano e na França, diretor de escola primária e de escola de formação de docentes. A partir de 1937, ele passou a intervir no campo escolar, quando criou, em Vanves, o *Centre d'Études Pédagogiques* e passou a colaborar em várias revistas pedagógicas. Três anos depois, em parceria com Hélène Lubienska de Lenval, começou a ministrar cursos de verão para capacitação docente e, posteriormente, estabeleceu, em Paris, um centro de estudos pedagógicos, três escolas normais e um colégio de aplicação. Em 1945, criou a revista *Pédagogie* e dirigiu-a até 1972, convertendo-se no principal meio de divulgação da sua experiência educativa – a Pedagogia Personalizada e Comunitária (AUDIC, 1998).

Segundo Klein (1998, p.26), “Faure encontra bases pedagógicas para a sua proposta nos autores clássicos, na *Ratio Studiorum*², na Escola Nova de Freinet, do Plano Dalton e nas reformas educacionais francesas do pós-guerra”. Além destes, se apropriou do método montessoriano e, como membro da Companhia de Jesus, Faure se apoiou nos Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola para defender uma educação que proporcionasse ao estudante momentos de interiorização, através da meditação e da oração. Note-se que a proposta pedagógica do padre Pierre Faure se constituiu em um hibridismo de matrizes escolanovistas que defendia o ativismo³ do estudante filtrada por uma perspectiva católico-jesuítica. Em resumo, pode-se afirmar que o cerne da proposta pedagógica formulada por Pierre Faure se fundamentou em três principais teorias: a de Dalton (americana), Montessori (italiana) e Lubienska (francesa).

A relação de Pierre Faure com o Brasil iniciou-se em 1951, quando o padre veio esteve no Rio de Janeiro para participar do 4º Congresso Interamericano de Educação Católica, realizado no Rio de Janeiro. Após uma fala sua neste congresso sobre questões financeiras e ideológicas da educação francesa (FAURE, 1951), foi convidado para uma publicação no Boletim SERVIR “entrevista do P. Faure, S.J. nos dias do IV CIEC [4º Congresso Interamericano de Educação Católica]” sob o título “Formação Integral” (FAURE, 1952), tema desse mesmo congresso.

A partir de então, Pierre Faure esteve no Brasil em momentos distintos para ministrar semanas pedagógicas – espaço de atualização pedagógica dos colégios católicos a convite da Associação de Educação Católica (A.E.C.). De 8 a 12 de junho de 1955, no Colégio Sacré Coeur do Rio de Janeiro, coordenou a primeira semana pedagógica; e, de 22 a 29 de julho de 1956, no Colégio Sion da cidade de São Paulo, ministrou a segunda semana pedagógica, ambas em francês (A.E.C., s.d). No início de 1959, esteve novamente na capital paulista para preparar professores que implantaram, em três colégios católicos, as classes secundárias experimentais fundamentadas na sua Pedagogia Personalizada e Comunitária. Assim, desde a década de 1950, além de publicar textos nesta revista brasileira de educação católica, Faure vinha ao Brasil regularmente para ministrar sessões pedagógicas que formavam professores tanto do ensino primário como do ensino secundário, com as classes secundárias experimentais. Estas eram as estratégias de disseminação do jesuíta para fazer circular a sua proposta pedagógica em território latino-americano.

Além das visitas para ministrar cursos de formação docente nos colégios particulares, Faure na condição de diretor do *Centre d'Études Pédagogiques de Paris*, recebeu convites para escrever textos de cunho pedagógico e alinhados ao catolicismo no boletim SERVIR entre os anos de 1952 e 1963. Este espaço de divulgação das novidades pedagógicas da época foi também um meio de comunicação utilizado por Faure para fazer circular estrategicamente a sua proposta pedagógica. Nesse sentido, este artigo analisa especificamente a circulação dos textos de Pierre Faure na SERVIR entre os anos de 1952 e 1963. Até o momento, é possível afirmar o boletim SERVIR contribuiu para a disseminação da proposta pedagógica formulada pelo jesuíta francês que, através da publicação dos seus textos, abriu o diálogo para as possibilidades de convergência entre o catolicismo e escolanovismo no campo educacional brasileiro.

A Revista SERVIR

A Associação de Educação Católica fundada no Rio de Janeiro em 1945, a chamada AEC no Brasil, assumiu-se como uma instituição de caráter arquidiocesana congregada por educadores católicos que objetivavam debater a dimensão religiosa na educação privada do país. Para tanto, instituiu a revista SERVIR como seu primeiro impresso oficial nas décadas de 1950 e 1960.

A fim de compreender o contexto de emergência em 1948 do boletim SERVIR, é levado em consideração o cenário conflituoso do Brasil nesse período, atravessado pelas disputas entre religiosos e progressistas que representavam, respectivamente, as questões do ensino particular e da escola pública no país. Nesse momento, as discussões para a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira, apresentavam nuances de uma escola pública, laica, universal e gratuita, defendida por dirigentes de órgãos governamentais, tal como Anísio Teixeira diretor do INEP e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na ocasião.

No entanto, a fim de ampliar essa discussão, é importante compreender de que maneira a Associação de Educação Católica (AEC) exercia influência religiosa sobre as várias instituições educacionais do país para fortalecer o movimento de renovação educacional católica. Como destacado, os objetivos da AEC voltaram-se para unificação dos educadores católicos e disseminação dos ideais católicos na sociedade.

A revista SERVIR, instituída como o primeiro impresso oficial da AEC no Brasil, durante as décadas de 1950 e 1960, contribuiu para esclarecer aos seus associados a posição da Igreja Católica sobre os assuntos educacionais e pedagógicos que estavam em voga. Assim, a meta era “começar humildemente, sem compromissos financeiros excessivos. (...) publicar, entre outros trabalhos, respostas às consultas mais importantes” visto que “O caso particular de um Colégio, quase sempre, serve de orientação ao outro”. (CRUZ, 1966, p. 30).

Conforme apresentado por Mariano da Cruz, pseudônimo de Arthur Alonso Frias, padre jesuíta primeiro presidente da AEC, a revista serviria para o diálogo e a troca de experiências educacionais dos colégios. Nessa perspectiva, a pedagogia escolanovista católica formulada por Pierre Faure fomentava as discussões sobre a Escola Nova. É importante considerar que, para que ocorresse a transmissão dos ideais católicos da revista, foi indispensável estabelecer os mecanismos de

circulação e de distribuição do impresso para as instituições de ensino a ela associadas, visto que a revista “SERVIR, verdadeiro traço de união e mensageiro discreto, visita periodicamente todos os educandários, até os mais remotos, nos últimos recantos do país”. (CRUZ, 1966, p.73). Destaca-se, desta maneira, que a Associação de Educação Católica organizou a veiculação gratuita e regular de seu impresso, como meio de alcançar o maior número possível de lugares e regiões do Brasil.

Em relação ao título da revista, Mariano da Cruz (1966) ressalta, na primeira edição, que SERVIR justificava-se pelo propósito dedicado, evocador de solidariedade. Destarte,

Título de nobreza evangélica lhe assinala o humilde frontispício: SERVIR! (...) SERVIR: para a realização de um programa de crescente prosperidade, de progresso pedagógico de defesa e de combate, de união e de solidariedade nacional. (...) SERVIR: na realização de uma grande família cristã, pelo estreitamento dos laços culturais entre todas as nações e todos os povos irmãos. Abram-se, de par em par, as portas dos colégios e educandários a este humilde e fiel mensageiro da Educação Católica. (...) Recatado e discreto, com aquela prudente reserva, que é garantia de sucessos sobrenaturais, ele (o cronista) responderá humilde: “MEU SANTO E SENHA” é SERVIR!” (CRUZ, 1966, p. 8).

Com base no exposto, a seguir, se discute os artigos escritos por Pierre Faure e publicados na revista SERVIR, edições de 1954 a 1963. O intuito é compreender quais eram as representações desse padre jesuíta francês sobre as matrizes pedagógicas da Escola Nova no processo de formulação da sua Personalizada e Comunitária, no qual o objetivo era fomentar a discussão sobre o movimento de renovação da educação católica do mundo inteiro.

Publicações de Pierre Faure no Brasil

Pierre Faure começou a estampar textos no SERVIR-Boletim da A.E.C. do Brasil após a sua participação no 4º Congresso Interamericano de Educação Católica, realizado no Rio de Janeiro, em meados de 1951. Nesse mesmo ano, esse periódico publicou uma nota sobre a opinião de Pierre Faure acerca das questões ideológica e financeira na educação francesa (FAURE, 1951). No ano seguinte, o SERVIR publica “entrevista do P. Faure, S.J. nos dias do IV CIEC [4º Congresso Interamericano de Educação Católica], de que ele foi convidado especial” sob o

título “Formação Integral” (FAURE, 1952), que era o tema desse congresso. Considerando que os educadores católicos sempre buscaram a “educação completa”, Faure refuta as “pedagogias individualistas”, que leva o aluno ao “culto do próprio eu, e o homem à anarquia”; as “pedagogias sociológicas”, que conduzem os alunos ao “exterior, aos modos totalitários, e preparam o homem para sorte de escravidão”; e “pedagogias que desenvolvem somente as faculdades sensoriais e afetivas da criança, outras que a mantém globalismo e no que é concreto” (FAURE, 1952, p. 11). Embora Faure não tenha citado diretamente, ao mencionar sobre as pedagogias sociológicas, ele se referiu as teorias da educação ligadas ao marxismo, bem como criticou as teorias liberais ligadas as pedagogias individualistas voltadas à manutenção das desigualdades sociais na educação, a partir da formação de mão de obra barata. Em contraponto a estas teorias, defendeu a pedagogia cristã que buscava interiorizar a criança e a colocá-la em contato com os outros, enfatizando as dimensões personalizadora e comunitária de sua pedagogia. Por ocasião do falecimento de Maria Montessori, SERVIR estampou um pequeno, mas emblemático texto de Faure (1953) em que remete a contribuição da educadora italiana para a renovação pedagógica no século XX.

Em 1954, Pierre Faure publicou, em francês, três artigos no SERVIR sobre o movimento da Educação Nova no mundo ocidental e na França e a visão da Igreja Católica sobre o mesmo. Uma nota do editor no início do primeiro artigo, diz: “consideramos uma vitória ter conseguido para o SERVIR a prioridade na publicação de três brilhantes artigos do R.P. Piere Faure S.J.” (Faure, 1954a), que indica o prestígio desse sacerdote francês no Brasil. No primeiro artigo sob o título “Que penser des écoles nouvelles?4”, Faure (1954a) afirma que as primeiras escolas novas surgiram nos países anglo-saxões. A experiência pioneira foi iniciada em 1889, por Cecil Reddie, que ficou conhecida como *New School d’Abbots Home* e influenciou o Dr. Lietz na criação das escolas de campos, em 1898, na Alemanha e Edmond Démolins a instituir, em Normandia na França, a famosa *École des Roches*.

No início do século XX, ele destaca os trabalhos dos médicos Maria Montessori, que, em 1907, em Roma, criou a *Casa dei bambini*, e Ovídio Decroly, que estabeleceu, no ano seguinte, em Bruxelas, da *École de l’Ermitage*; e a fundação do Instituto Jean Jacques Rousseau por Adolphe Ferrière em parceria com Édouard Claparède e Jean Bovet – e, mais tarde, Jean Piaget. Dá importância à realização do Congresso de Calais, na França em 1921, coordenado por Adolphe Ferrière, que

instituiu a Liga Internacional da Educação Nova e determinou os trinta pontos que identificavam uma escola inovadora, mas não relaciona esse movimento ao trauma provocado pela Primeira Guerra. Faure faz uma leitura eurocêntrica específica das escolas novas – expressão usada por ele no plural –, não mencionando as experiências educativas de Célestin Freinet e de A. S. Neill e cita *en passant* John Dewey e seus discípulos norte-americanos.

Neste texto, Faure afirma que, segundo a orientação de Adolphe Ferrière, uma experiência escolar inovadora era considerada “escola nova” se observasse no mínimo 15 dos trinta pontos estabelecidos pela Liga Internacional da Educação Nova. Apesar dessa flexibilização educativa, Faure (1954a, p.8) afirma que “de sérieuses divergences étaient tôt apparues entre les promoteurs des diverses écoles nouvelles⁵”, citando, como exemplo, o afastamento de Maria Montessori do movimento das escolas novas e a criação da Association Montessori Internationale (AMI). No entanto, não cita as divergências de Célestin Freinet e de A. S. Neill com a Liga Internacional da Educação Nova e os seus isolamentos em relação à essa associação.

Nas visitas que realizou nos países europeus, o educador francês identificou as seguintes práticas educativas mais características das escolas novas: a) contato com a natureza, de modo que o prédio escolar era localizado no campo, na praia ou na floresta; b) autonomia dos estudantes, que tinha diferentes matizações; c) criação de grupos de estudantes segundo a idade, bem como de acordo com as características psíquicas e sociais; d) realização da educação intelectual a partir de atividades efetivas, quebrando o intelectualismo da educação tradicional; e) permissão de trabalho livre e de iniciativas dos estudantes; f) presença de educação artística no currículo escolar; g) realização de uma vida comunitária na escola que preparasse para a vida social. Diante do panorama das escolas novas, Faure conclui o seu escrito com uma reflexão sobre os critérios para adotar os métodos e técnicas sedutoras desse movimento pedagógico.

Desta maneira, a articulação das características entre o escolanovismo e o modelo formulado por Faure podem ser observadas através das similaridades que compõe a defesa de uma educação voltada para a autonomia (pedagogia escolanovista) e personalização (pedagogia fauriana) dos estudantes. Com base nos princípios da Escola Nova, principalmente montessorianos, Faure defendeu a autonomia dos estudantes, a criação de grupos com base nas características psicológicas, a realização de uma vida comunitária nas escolas que preparassem

para o convívio social. Foi o que na PPC, o jesuíta chamou de educação Personalizada e Comunitária, se apropriando de autores escolanovistas como Maria Montessori, bem como de seus escritos e expressões, tais como “ajuda-me a fazer só” e “toda ajuda inoportuna atrapalha a criança”. Com base nas ideias de Montessori, Faure defendeu que toda pedagogia deveria ter a seguinte preocupação em prol dos seus alunos: “ajuda-me a fazer sozinho é o verdadeiro pedido destes aos adultos. Ou seja, ajuda-me a crescer na capacidade de agir sozinho, seja como for, do meu jeito pessoal, desenvolvendo minha iniciativa, simultaneamente pessoal e original”. (FAURE, 1993, p.48). Desta maneira, Faure (1993, p. 49) enfatizou a necessidade de confiar ao estudante, seja qual fosse a idade, a execução autônoma de uma atividade educativa, isso porque “enfrentarão as exigências cotidianas da existência tanto na aula e no regime escolar, como na vida corrente”.

Além disso, concatenou com ideais escolanovistas por entender que quanto mais autonomia fosse dada ao estudante, mais responsabilidade este teria e mais apto estaria para fazer escolhas relacionadas às suas habilidades físicas, sociais e psicológicas. Vale dizer que Faure (1993) se aproximou do escolanovismo, porém ressignificou alguns termos. Um exemplo disso foi quando transformou a frase montessoriana “ajuda-me a fazer sozinho” para “ajuda-me a fazer sozinho e para os demais” justificando que, com isso, se teria uma escola onde todos prestariam ajuda mútua, um ensino menos individualizado, mais personalizado e comunitário.

No segundo artigo sob o título *Écoles nouvelles et pédagogie chrétienne*⁶, Faure (1954b) começou lembrando a Encíclica *Divini Illius Magistri*, de Pio XI, que atualizou a tradição educacional da Igreja Católica. O sacerdote francês explicita e justifica os princípios da pedagogia católica, iniciando assim: “Ainsi donc la pédagogie chrétienne sera une pédagogie nécessaire active, mais l’activité qu’elle vise à susciter chez l’enfant esta avant tout cette *activité intérieure* para laquelle il devient graduellement toujours plus consciente de ses actes”⁷ (FAURE, 1954b, p. 21, grifos no original). E continua: “Um deuxième principe de discernement s’impose comme le corrolaire obligatoire du premier. Mettre em branle les activités intérieures de l’enfant c’est faire appel au don de lui-même et donc à son *effort personnel*”⁸ (FAURE, 1954b, p. 21, grifos no original). E complementa: “Si l’effort et les activités de l’enfant doivent venir de lui, elles ne sauraient s’arrêter à lui. Il faut au contraire qu’elles soient orientées vers les autres, et donc vers Dieu; vers Dieu et donc vers les autres”⁹ (FAURE, 1954b, p. 22). Desta forma, Faure defendeu que, fundamentada nos Evangelhos e inspirada na Igreja, a pedagogia católica deveria

ter, ao mesmo tempo, uma dimensão personalizadora e comunitária. Nesse texto, não há referência a critérios de escolha de métodos ativos do movimento da Educação Nova, mas a preocupação em firmar os princípios pedagógicos católicos.

No texto *La Pédagogie en France*, Faure (1954c) apresentou um panorama das experiências escolares inovadoras do seu país, especialmente no segundo pós-guerra. Iniciou afirmando que, em relação a outros países europeus, a França tinha uma maior diversidade de inspirações pedagógicas inovadoras e isto se devia, em boa medida, à divisão entre o sistema público de ensino e o ensino privado. Constatou que neste último e, particularmente, na rede de escolas católicas, os ensaios pedagógicos inovadores eram mais numerosos e vigorosos. Faure (1954, p. 7) começou citando as *classes nouvelles*, quando resume: “Après la Libération, em 1945, des `Classes Nouvelles` furent créés dans un certain nombre d'établissements secondaires publics. L'expérience a été interrompue. Il faut dire qu'elle fut faussée en partie par les idéologues marxistes et communistes”¹⁰. Disse também que no início da década de 1950, as *classes nouvelles* foram substituídos pelos chamados “lycées pilotes”, que funcionaram como colégios de aplicação de universidades públicas, mas que ainda estavam em vias de estruturação. Também mencionou a *École Decroly* de Saint Mandé, que se pautava pelo método global defendido por Ovide Decroly, e a *École de la Source*, criada pelo Père Chatelain e por Roger Cousinet, que também usou o método do educador belga e o trabalho em equipes de Cousinet.

Sobre as experiências inovadoras nos colégios católicos, Faure fez uma retrospectiva histórica citando, em primeiro lugar, a *École des Roches*, fundada por Edmond Demolins e dirigida durante muito tempo por Georges Bertier; e a sua filial, o *Collège de Normandie*, bem como escolas *Saint Martin de France de Pantoise* e *Stella Matutina de Villars de Lans*, que se inspiraram na *Écoles de Roches*. No ensino primário, várias escolas se pautaram pelo método Montessori, que contempla a dimensão espiritual, e, no mundo rural, tem certo relevo as chamadas “maisons familiales”, que eram coordenadas pelo *moviment d'action catholique rurale*. Faure (1954c) disse também que se permite indicar o *Centre d'Études Pédagogique* (CEP), criado em 1937, pela *Action Populaire* em Vances, mas que, cinco anos depois, transferido para Paris.

Dirigido pela Companhia de Jesus, este centro tinha uma escola de formação de professores e, durante o período de férias, oferecia sessões de formação pedagógica para educadores. Em realidade, o idealizador e o coordenador do *Centre*

d'Études Pédagogiques era o autor do texto que não quis citar o seu nome e que não mencionou que esse espaço educativo plasmou a Pedagogia Personalizada e Comunitária. Ademais, Faure comunicou que as experiências inovadoras das escolas católicas foram, em boa medida, disseminadas na revista “*Pédagogie*” – criada e animada por esse padre jesuíta que se tornou a principal referência católica na inovação pedagógica no segundo pós-guerra.

Após assinar o texto, Faure escreveu um “N.B.” em que diz que, ao falar da pedagogia inovadora na França, esqueceu-se de citar *le Mouvement de l'École Moderne*, animado por Célestin Freinet. Essa nota diz:

N.B. – Nous avons omis de mentionner le Mouvement de l'École Moderne' dirigé par Célestin Freinet. Ce Mouvement a crée une cooperative privée pour la fabrication d'instruments pédagogiques de travail et organise à l'intérieur de l'enseignement public de nombreux congrès de formation pour les instituteurs publics. Sa technique est basée sur l'expression. Libre mais collective, sur l'imprimerie à l'école, et sur la correspondance entre écoles. Mr. [sic] Freinet est d'obédience communiste et se reclame de la psychologie de Pavlov; grand admirateur de l'U.R.S.S., il n'était cependant pas stalinien (FAURE, 1954c, p. 8, grifos no original)¹¹.

Este comentário em destaque é curioso porque por um lado chama a atenção para a iniciativa da *École Moderna* como uma cooperativa privada e, especialmente, para as inovadoras técnicas frenetianas; mas, de outro lado, sublinhou em negrito que Célestin Freinet era um comunista não stalinista e fazia uso, na sua experiência educativa, da Psicologia de Pavlof.

No primeiro número do *SERVIR* de 1959, Pierre Faure publicou um texto sob o título “A Reforma do Ensino em França” (FAURE, 1959) em que analisa a reforma do ensino no seu país oficializada no início daquele ano. Na primeira parte do escrito, o sacerdote francês tece considerações positivas sobre a flexibilização do exame final do ensino secundário e a supressão da segunda época do exame – a “*rattrapage*” –, que era realizada no final das férias escolares e provocava problemas para as famílias dos alunos em recuperação. Faure (1959, p. 21) conclui: “São medidas estas que só merecem louvor”. Na segunda parte, o tema comentado é o prolongamento da escolaridade obrigatória dos 14 aos 16 anos, que também é considerada importante pelo padre jesuíta porque todos os franceses passarão a ter no mínimo dez anos de escolarização. Na última parte são apreciados os três itinerários escolares possíveis para os estudantes após a conclusão da escola elementar (antigo ensino primário), quais sejam: ensino geral longo, ensino geral

breve e ensino técnico abreviado. Faure (1959, p. 23) anota que essa divisão do ensino secundário “retarda na medida do possível, as especializações prematuras e, por isso mesmo, torna essas especializações mais objetivas e menos perigosas”.

Outro trabalho escrito por Pierre Faure em 1963 foi o “Relatório sobre as sessões pedagógicas no Brasil 1963” (FAURE, 1963) publicado na revista *SERVIR* da AEC, que relatou a sua experiência com as sessões pedagógicas ministradas no dia 16 de julho no Ginásio de Aplicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e no dia 2 de agosto, apenas dois dias após o encerramento do curso no Rio, em São Paulo. Embora o Relatório sobre as Sessões Pedagógicas no Brasil (FAURE, 1963) Faure tenha descrito apenas a visita de 1963, é importante mencionar a informação de que o padre jesuíta esteve no nosso país no decorrer das décadas de 1950, 1960 e 1970 para participar de congressos e ministrar novos cursos, divulgando e fazendo circular sua alternativa educacional. Foi nessa direção que Klein (1998) afirmou que o Brasil foi o primeiro país e o mais visitado por Faure e o segundo após a França, a aplicar sua proposta personalizadora.

Considerações finais

Os artigos redigidos por Pierre Faure e publicados nos boletins da revista *SERVIR* no decorrer dos anos de 1954 e 1963 marcaram formas de circulação da PPC no território brasileiro. Se por um lado, a disseminação desta pedagogia ocorreu por meio das vistas pedagógicas do próprio padre ao país, bem como pelo estágio de professores brasileiros em Paris, por outro, a contribuição dos artigos de Pierre Faure na revista brasileira de educação católica da A.E.C. foi para além da discussão sobre o catolicismo e o movimento da Escola Nova e privilegiou a semeadura da PPC em nosso país. Nesse sentido, a análise sobre a circulação de textos pedagógicos de Pierre Faure no boletim *SERVIR* possibilitou compreender que a abertura para a publicação dos textos do padre jesuíta nesta revista, deu-se por consequência do contexto educacional brasileiro das décadas de 1950 e 1960.

Note-se que neste período a Igreja buscava se reestabelecer dentro do debate educacional para atrair e normatizar as práticas escolares de professores e professoras das escolas públicas e particulares, por isso motivo, a circulação de novos modelos pedagógicos que abarcassem o escolanovismo sem perder de vista os preceitos católicos, ganhou destaque no Brasil. Desta maneira, estes modelos

pedagógicos, produzidos em tempo e espaço específicos circularam por meio de diferentes mediadores e suportes que foram ou não apropriados em diferentes instâncias dos sistemas educativos e por diferentes professores que estavam em sala de aula. Com efeito, os artigos de Pierre Faure, publicados na revista SERVIR e com circulação em território nacional, ganharam destaque servindo de estratégia para a disseminação de um modelo pedagógico cuja base era escolanovista e católica.

Nesse sentido, a divulgação dos artigos de Pierre Faure através dos boletins contribuiu para que a pedagogia francófona do padre produzisse um novo cânone e regular das práticas pedagógicas dos professores, transformando o sistema educacional daquele contexto. No geral, verifica-se que entre os artigos publicados no boletim SERVIR, há alguns que refletiram sobre o sistema educativo francês, vários que focalizaram a apropriação da Educação Nova pelo catolicismo e um que focalizou um relato de experiência com formação docente. Vale dizer que a publicação dos textos foi em boa parte em francês, língua materna do escritor. No Brasil, através da circulação dos seus artigos, Faure buscou o diálogo para as possibilidades de convergência do trabalho em sala de aula com o catolicismo e escolanovismo, corroborando com as tentativas de renovação dos colégios de rede privada e católica no contexto educacional da década de 1950.

NOTAS

1. Exemplos destes colégios foram: Nossa Senhora do Sion e Cônegas de Santo Agostinho que, instituídos na primeira década do século XX, eram dirigidos para a educação meninas da elite paulistana, coordenados por freiras francesas e belgas da região francesa. Já o Colégio Santa Cruz, criado em 1952, destinava-se a fração da burguesia masculina da cidade de São Paulo, sendo coordenado pela Congregação dos Padres da Santa Cruz originários da área francesa do Canadá.
2. Faure criticou afirmações a respeito da Ratio Studiorum sobre esta ser uma didática tradicional e/ou punitiva, enfatizando a riqueza da sua estruturação para o trabalho em sala de aula, por dar ênfase ao trabalho educativo e pessoal do aluno após a explicação do professor.
3. Faure apropriou-se do conceito de “método ativo” de Adolphe Ferrière (1879-1960), autor suíço que cunhou a expressão “Escola Ativa”. Ferrière, pedagogo surdo nascido em Genebra, na Suíça, defendeu o funcionamento das escolas a partir dos interesses e necessidades dos estudantes, visto que os métodos tradicionais de ensino não atendiam as suas necessidades educacionais específicas. Sendo surdo, Ferrière criou, em 1899, o “Escritório Internacional das Escolas Novas”, tendo importante atuação na Liga Internacional pela Educação Nova de 1921, na França (FAURE, 1993). A aproximação entre Suíça e França influenciou Faure (1993) pelo entendimento também de Ferrière em relação a educar para liberdade e para o desenvolvimento das potencialidades de cada

estudante. Em relação às críticas direcionadas ao método ativo no contexto do século XX, Faure sinalizou o entendimento de que a novidade trazida por este pedagogo suíço não transformava os alunos em trabalhadores manuais (cf. AUDIC, 1998), ao pelo contrário, para Faure o método ativo, ao colocar o estudante de forma ativa no processo de ensino, era meio para uma educação autêntica e personalizada.

4. Traduzido no português: “O que pensar das escolas novas?”.
5. Traduzido no português: “sérias divergências apareceram cedo entre promotores das diversas escolas novas”.
6. Traduzido no português: Escolas Novas e pedagogia cristã.
7. Traduzido no português: “Nesse sentido, a pedagogia cristã será uma pedagogia necessária ativa, mas a atividade que visa suscitar na criança é, antes de tudo, uma atividade interior pela qual ‘ela se torna cada vez mais consciente das suas ações”.
8. Traduzido no português: “Um segundo princípio do discernimento se coloca como consequência obrigatória do primeiro. Pôr em movimento as atividades internas da criança é apelar para o dom dela mesma, ou seja, para o seu esforço pessoal”.
9. Traduzido no português: “Se o esforço e as atividades da criança vierem dela, eles não podem parar nele. É necessário, pelo contrário, que eles sejam orientados para os outros e, portanto, para Deus; para Deus e, por isso, para os outros”.
10. Traduzido no português: “Após a Libertação em 1945, as classes novas foram criadas em várias escolas secundárias públicas. A experiência foi interrompida. Deve ser dito que foi distorcido pelos ideólogos marxistas e comunistas”.
11. Esquecemos de mencionar o Movimento da “Escola Moderna” dirigido por Célestin Freinet. Este Movimento criou uma cooperativa privada de fabricação de instrumentos pedagógicos de trabalho e organizou no interior do ensino público diversos congressos de formação para os professores públicos. Sua técnica é baseada na expressão. Livre mas coletivo, na imprensa da escola, e na correspondência entre escolas. O Sr. [sic] Freinet é de obediência comunista e se refere à psicologia de Pavlov; grande admirador dos EUA, ele não era, no entanto, um estalinista.

REFERÊNCIAS

- A.E.C. do Brasil. *Semanas Pedagógicas*: de 1955 e 1956 promovidas pela A.E.C do Brasil – sob a orientação do Rev. Pierre Faure S. J. Do Centre D’Études Pédagogiques de Paris. Rio de Janeiro: Edições da A.E.C. do Brasil, s. d.
- AUDIC, Anne Marie. *Pierre Faure s.j. 1904-1988: vers une pédagogie personnalisée et communautaire*. Paris: Dom Bosco, 1998.
- AVELAR, Gersolina. *A Renovação Educacional Católica: Lubienska e sua influência no Brasil*. São Paulo: Cortez; Moraes, 1978.
- BERETA, Cristiane; DALLABRIDA, Norberto; CLARINO, Juliana Maués da Silva. A perspectiva de Jayme Abreu sobre a reforma do Ensino Secundário no contexto do CBPE entre 1955 e 1964. In: VIII Colóquio “Ensino Médio, História e Cidadania. *Anais eletrônicos*. Florianópolis, 2013. Disponível em <http://www.revistas.udesc.br/index.php/EnsinoMedio/article/view/3911/2724>.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn (org.). *A nova história cultural*. São Paulo: M. Fontes, 1992, p. 211-238.

CRUZ, Mariano. Resumo do Relatório Geral da A.E.C. *Servir-Boletim da A.E.C. do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 10-15, 1966.

CUNHA, Luiz Antônio. Um acordo Insólito: ensino religioso sem ônus. *Revista USP*, São Paulo. v. 38, n. 4, 2012.

FAURE, Pierre. O problema escolar na França. *Servir-Boletim da A.E.C. do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 14, 1951.

FAURE, Pierre. Formação Integral. *Servir-Boletim da A.E.C. do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 1, mar.1952. p.10-11, 1952.

FAURE, Pierre. Maria Montessori. *Servir-Boletim da A.E.C. do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 5, 1953.

FAURE, Pierre. 1954. *Que penser des écoles nouvelles?* *Servir-Boletim da A.E.C. do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 4-11, 1954a.

FAURE, Pierre. *Écoles nouvelles et pédagogie chrétienne*. *Servir-Boletim da A.E.C. do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 21-22, 1954b.

FAURE, Pierre. *La Pédagogie en France*. *Servir-Boletim da A.E.C. do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 7-8, 1954c.

FAURE, Pierre. Relatório sobre as sessões pedagógicas no Brasil. *Servir-Boletim da A.E.C. do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 21-26, 1959.

FAURE, Pierre. A Reforma do Ensino em França. *Servir-Boletim da A.E.C. do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 19-20, 1963.

FAURE, Pierre. *Ensino personalizado e comunitário*. São Paulo: Loyola, 1993.

FAURE, Pierre. *Précurseurs et témoins: d'un enseignement personnalisé et communautaire*. Paris: Don Bosco, 2008.

KLEIN, Luís Fernando. *Educação personalizada: desafios e perspectivas*. São Paulo: Loyola, 1998.

LIMA, Lauro de Oliveira. *Estórias da Educação no Brasil: de Pombal a Passarinho*. 3. ed. Rio de Janeiro; Brasília, s./e., 1959.

SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

VIEIRA, Letícia. *Um núcleo pioneiro na renovação da educação secundária brasileira: classes secundárias experimentais do Estado de São Paulo (1951-1964)*. Florianópolis, 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e da Educação; Universidade do Estado de Santa Catarina.

Daniele Hungaro da Silva é Doutoranda em História e Historiografia da Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UEDSC). Mestre em Sociologia e História da Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Norberto Dallabrida é Professor de História da Educação do Centro de Ciências Humanas e Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Pós-Doutor pela Universidad de Alcalá de Henares, na Espanha, e Pós-Doutor pela Université Rene Descartes, Paris V, Sorbonne, França. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre e Graduado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduação em Pedagogia pela UDESC. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico –, nível 1D.

Como citar:

SILVA, Daniele Hungaro da; DALLABRIDA, Norberto. Circulação de artigos de Pierre Faure na Revista *Servir. Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 16, n. 2, p. 175-191, jul./dez. 2020. Disponível em: pem.assis.unesp.br.